



## Poéticas Sociais: experiências humanas em textos literários

### Ep. 2: O olhar da criança sobre o mundo, Moacir Scliar

Narração: Márcio Ferreira de Souza

Edição: Valéria de Paula Martins

Infância traduz-se na agitação, no riso fácil, na energia ilimitada - mas infância traduz-se sobretudo no olhar que as crianças lançam sobre o mundo, olhar este que as câmeras fotográficas (cada vez mais freqüentes, nesta época de triunfo da imagem) não cessam de registrar. Olhem fotos e constatem: há uma diferença entre o olhar da criança e o olhar do adulto, uma diferença que, claro, não surge de repente, mas que vai se consolidando com os anos - como as rugas, como as dores articulares, como a calvície. E como é o olhar da criança?

Em primeiro lugar, ele é límpido. Límpido como água de fonte, puro como água de fonte. E porque é límpido, nada revela sobre a própria criança, a não ser inocência. A criança faz do olhar o uso mais inocente possível. Diferente do adulto.

O olhar do adulto é turvo. Ou, se quisermos, é um olhar que, com o tempo, vai se turvando, como a lama sedimentada no fundo turva a água de uma fonte. E o que turva o olhar do adulto? A desconfiança. A suspeição. Será que este cara está mesmo dizendo a verdade, ou será que ele está me enrolando? Será que esta mulher gosta de mim, ou será que está atrás do meu dinheiro? A contrapartida da desconfiança, da suspeição é a dissimulação, a safadeza: vou enganar este cara antes que ele me engane, vou liquidá-lo antes que me liquide. Mas safadeza e dissimulação acabam aparecendo no olhar turvo. Como a icterícia, o



derrame de bile, que tinge a esclerótica de amarelo. Em inglês a expressão "jaundiced eye", olho amarelado, é sinônimo de uma visão preconceituosa (a bile, como se sabe, é o humor dos raivosos, dos ressentidos).

Em segundo lugar, o olhar da criança é buliçoso. Está em permanente movimento, descobrindo coisas curiosas aqui e ali: um passarinho, um objeto estranho, um homem engraçado.

O olhar do adulto é fixo. Ele se concentra nas coisas que interessam. O campo de visão do adulto é sempre restrito, como restrito vai ficando seu mundo: restrito em termos de relações humanas, restrito em termos de interesses, restrito em termos de ideais, de propósitos.

Há exatamente 40 anos, em 1963, estreou um filme tcheco que fez, à época, grande sucesso. Chamava-se Um Dia, um Gato. Contava a história de um gato que, mediante o uso de óculos especiais, conseguia perceber as pessoas tais como elas eram.

Nós, adultos, precisaríamos de óculos igualmente poderosos, mas dotados de um poder diferente. Óculos que não nos dessem a verdade nua e crua (muitas vezes insuportável), mas que nos devolvessem a capacidade de enxergar o mundo tal como visto pelas crianças que um dia fomos. Óculos capazes de anular a amargura, o ressentimento. Óculos capazes de restaurar a limpidez do olhar. Óculos capazes de alargar a nossa visão para incluir nela aquilo que menosprezamos, aquilo que ignoramos, aquilo a que renunciamos por falta de crença, de fé. Óculos assim não são encontráveis em qualquer óptica, nem estão ao alcance da técnica oftalmológica, por mais avançada que ela seja. Óculos assim existem em nossos sonhos. Eles só aparecem quando



enrugadas pálpebras fecham-se sobre tensos e cansados globos oculares. Quando o relógio do tempo volta atrás e conseguimos, nos sonhos, recuperar por alguns instantes a criança que um dia fomos.